

# *Sintagmas Possessivos: o Percurso Diacrônico de Perda de aNP Pleno no Português Brasileiro*

Jânia M. RAMOS (CNPq/UFMG)  
Universidade Federal de Minas Gerais

**Resumo:** Construções de posse introduzidas por preposição “a” são agramaticais no Português Brasileiro no momento atual, mas não o eram no século XIX. Nesse artigo é traçado o percurso dessa mudança e são discutidas duas propostas de explicação (KAYNE, 1994; SZABOLCSI, 1994/GAVRUŠEVA, 2000).

**Palavras-chaves:** Possessivo; sintagma preposicional; Português Brasileiro

**Abstract:** In Brazilian Portuguese possessive constructions containing the prepositional “a” were considered grammatical in the 19th century and agrammatical in the 20th century. This paper presents a quantitative analysis of this change and discusses two hypotheses to explain it.

**Key words:** Possessive; prepositional phrase; Brazilian Portuguese

## **Introdução**

Vários estudos têm mostrado estar havendo uma tendência de perda na história do Português Brasileiro.<sup>1</sup> Tal tendência manifesta-se nas construções de dativo de posse, conforme veremos

---

<sup>1</sup> RAMOS, Jânia. **Marcação de caso e mudança sintática no Português Brasileiro**. 1992. Tese (Doutorado) –Unicamp; PONTES, Eunice. **Espaço e tempo na Língua Portuguesa**. Campinas: Ática, 1992; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. **A perda do marcador Dativo no PB e algumas de suas conseqüências**. (ms); BERLINCK, Rosane A. **Dativo ou Locativo: sobre sentidos e formas do dativo no português**, 2000. (ms); BERLINCK, Rosane A. **Sobre a realização do objeto indireto no português do Brasil**. Comunicação apresentada no II CelSul, Florianópolis, 1997; GOMES, Christina A. **Aquisição e perda de preposição no português do Brasil**. 1996. Tese (Doutorado) – UFRJ, dentre outros.

aqui. Por dativo de posse<sup>2</sup> entenda-se um sintagma introduzido por preposição “a”, que ocorre com verbos inacusativos e transitivos,<sup>3</sup> e que possui a propriedade de ser duplicado pelo clítico “lhe”. Tratarei aqui apenas de inacusativos.

O processo de mudança, acima referido, pode ser descrito em quatro etapas: na primeira os sintagmas dativos de posse dispunham de duas realizações: uma plena, através de aNP e outra clítica, através de “lhe”. Na última etapa, a forma plena não mais ocorre e a forma clítica é apenas residual. Tomando como quadro teórico a teoria de princípios e parâmetros, argumenta-se aqui a favor de que essa mudança pode ser atribuída a uma alteração paramétrica de uma categoria funcional interna ao DP.

O presente texto se organiza do seguinte modo: apresenta-se inicialmente uma descrição do processo de mudança, acompanhada de informações de natureza quantitativa; em seguida são retomadas e avaliadas as hipóteses de Kayne (1994) e Szabolcsi (1994)/Gavruševa (2000).

## 1 Dativos de Posse no Eixo do Tempo no Português Brasileiro

A mudança gramatical responsável pela impossibilidade de licenciamento de NPs possessivos introduzidos por [a] é recente, podendo ser datada no último quartel do XIX (ver tabela 1, mais adiante). A essa mudança se deve o contraste abaixo:

- (1) a. Desapareceram-lhe os sapatos  
b. \*Desapareceram os sapatos ao João

Esse processo pode ser subdividido em quatro etapas ou estágios. Na primeira etapa eram freqüentes enunciados com NPs plenos, acompanhados, ou não, de clíticos, como em (2-3).

---

<sup>2</sup> As construções em que aparece um verbo inacusativo são descritas como posse inalienável (AUTHIER; REED, 1992). Entretanto, há casos claros em que o elemento possuído é alienável, por exemplo, “os sapatos” na sentença “Desapareceram-lhe os sapatos”. Por essa razão, não vou levar em conta a distinção alienável/inalienável aqui.

<sup>3</sup> Uma ocorrência com verbo transitivo seria (i) *Cortou os cabelos ao Manoel*. Ver MIGUEL, 1995; e BARROS, E. (em andamento).

- (2) **Ao Tenente Coronel** fugiu-lhe <sup>4</sup> hum escravo creoulo chamado Silverio (1829)<sup>5</sup>
- (3) **A Rodrigo Joze Ferreira Bretas** fugiu **Ø** em dias no mez próximo passado um escravo de nome (...) não natural.( 1838)

Na segunda etapa do processo, o **dativo aNP** passa a ocorrer à direita de V, como em (4). Tornam-se frequentes sintagmas preposicionais locativos ou indicadores de tempo à esquerda de V, lugar antes ocupado pelos dativos.

- (4) Fugio no dia 26 do corrente mez **a | Demetrio da Costa do Nascimento um | escravo de nome Joaquim**, cabinda, ida- | de 38 annos mais ou menos, estatura bai- | xa, gordo, e tem principios dos officios | de pedreiro, e surrador: Quem o appre- | hender e levar a seu senhor no Bexiga | será gratificado(1853).

---

<sup>4</sup> O parecerista deste periódico lembra que “fugir” é ambíguo, e que [a NP] pode indicar posse, e também origem. Torres de Moraes (2002) adota essa última análise. A meu ver, a interpretação de [a NP] como origem deixa escapar três fatos importantes. O primeiro é a presença de “pertencente a” antes dos NPs introduzidos por “a”, como em (5), abaixo. O segundo fato é que NPs com papel temático origem não são cliticizados no Português Brasileiro, o que levaria a excluir os dados de tipo (2). O terceiro é que, no *corpus* analisado, a informação quanto ao local de origem vem explícito, ao lado do sintagma [aNP], como em (i) *..fugio a Jose Antonio de Oliveira morador na Corte do Rio de Janeiro, rua da mãe dos Homens número 55, hum cabra por nome Manoel (...)* (1825). Além disso, há casos inequívocos em que o sintagma, antes introduzido por “a”, ocorre com preposição “de”, indicando o dono do escravo, como em *Pela Pascoa fugio um escravo de Dona Angela | viuva do falecido Francisco de Barros Lima na Vil- | la de Sanctos, cujo escravo chama-se João de Na- | ção munjollo, altura menos de ordinaria, fino de Corpo, e de pernas* (1828). Uma evidência de natureza pragmática também pode ser apontada. Nos anúncios dos quais foram extraídos os dados era de fundamental importância informar o dono da mercadoria perdida, a fim de que pudesse vir a ser ressarcido do prejuízo.

<sup>5</sup> Sobre a fonte dos dados, ver nota 8.

É importante observar que a seqüência [aNPdativo NPsujeito] aparece contígua, o que não ocorria inicialmente.

No terceiro estágio, a seqüência [aNPdativo NPsujeito] deixa de ocorrer, quer contígua ou não. Uma nova construção aparece: [NPsujeito pertencente aNPdativo ]. Configura-se aqui uma nova ordem: o NP sujeito passa a ocorrer à esquerda de aNP. Veja-se que a inserção do item [pertencente] altera sintaticamente a estrutura. O sintagma aNP já não mais pode ser duplicado por [lhe].

- (5) Fugirão dous escravos **pertencentes ao Alferes Antonio Pinto Mascarenhas** com os signaes seguintes: (1870)
- (5') \*Fugirão-**lhe** dous escravos **pertencentes ao Alferes Antonio Pinto Mascarenhas** com os signaes seguintes
- (5'') \*Fugirão-**lhe** dous escravos **pertencentes** **Ø**

Ainda nesse estágio, dois tipos de ocorrência chamam a atenção. O primeiro é o NP possuidor começar a se realizar com preposição “de”, como em (6), abaixo. O segundo é a duplicação inusitada de “de NP” por “lhe”, como em (6), uma vez que na língua portuguesa apenas NPs introduzidos por “a” são passíveis de duplicação.<sup>6</sup>

- (6) Fugiu **de Bento Laurindo de Castro, morador no | Asonguy, districto da Capella, curato de Vetuverava**, um | escravo de nome Benedicto, (PR,1854).
- (7) **Do Alferes José Fernandes d’esta Cidade** | fugio-**lhe** a 5 mezes uma mulata escura de nome | Joaquina idade 24 annos altura ordinaria, feições | miudas, cabelo encanotado, olhos pequenos e muito | vivos;

---

<sup>6</sup> MATOS, Gabriela; DUARTE, Inês. Clíticos e sujeito nulo em Português: para uma Teoria de pro. **Boletim de Filologia XXIX**, 1984, para o PE, e RAMOS, Jania (1992) para o PB.

quem d'ella tiver noticia, e entregar a seu| dono  
receberá as alviçaras (SP,29.10.1929).<sup>7</sup>

É muito importante ressaltar que os enunciados (6) e (7) poderiam ser identificados como testemunhas de uma transição entre duas gramáticas: estariam indicando a complementação de uma mudança em que um dativo introduzido por “a” era licenciado à esquerda do NP possuído. A ordem “Dativo<sub>possuidor</sub> Nominativo<sub>possuído</sub>” vai deixando de ser licenciada.

A comparação dos dados acima permite identificar um processo diacrônico que possivelmente resultou no desaparecimento de dativo de posse através de aNP. Nesse processo é relevante ter em conta o momento em que cada uma das construções se torna muito rara ou desaparece. É com base no desaparecimento que os diferentes estágios puderam ser identificados.

Uma análise quantitativa permite visualizar as quatro etapas acima descritas. A amostra acima referida compõe-se de anúncios de jornal do século XIX.<sup>8</sup> Foram selecionados anúncios com os verbos inacusativos. Num total de 133 ocorrências de inacusativos, 51 apresentavam **dativos** introduzidos por [a]. A distribuição dessas ocorrências em quatro momentos de tempo, aparece na tabela (1).

---

<sup>7</sup> O fato de esse dado ocorrer em 1829, tal como ressalta o parecerista, não enfraquece, a meu ver, a hipótese já que numa mudança lingüística as formas inovadoras aparecem apenas esporadicamente no início do processo, e só depois se tornam sistemáticas. O dado (7) nem sequer constitui ainda a nova variante, mas já denuncia um passo na direção da mudança. Certamente marca a queda da duplicação de clítico, e antecipa o uso de preposição “de” onde antes era usual a preposição “a”.

<sup>8</sup> Anúncios editados por GUEDES, MARYMÁRCIA e BERLINCK (Orgs.), 2000. Estes dados fazem parte de um *corpus* mais amplo, coletado pela equipe do *Projeto Para a História do Português Brasileiro*, coordenado pelo Prof. Ataliba Castilho.

**Tabela 1** – Distribuição das construções com verbo inacusativo no tempo real

| Construções                               | 1826-1850 |       | 1851-1875 |      | 1876-1900 |       | Total |
|---|-----------|-------|-----------|------|-----------|-------|-------|
|   | No.       | %     | No.       | %    | No.       | %     |       |
| [ aNPdativo (X) V (X) NPsujeito]          | 18        | 40    | 08        | 25%  | 01        | 16,62 | 32    |
| [ (X) V aNPdativo NPsujeito]              | 13        | 29,5% | 05        | 16,1 | 01        | 16,6  | 19    |
| [NPsujeito <b>pertencente aNPdativo</b> ] | 00        | 00    | 00        | 00   | 02        | 100   | 02    |
| V inacusativo sem possessivo              | 23        | 34,4  | 19        | 38   | 08        | 58    | 50    |
| Total                                     | 67        |       | 50        |      | 16        |       | 133   |

As ocorrências que exemplificam cada uma das construções registradas na tabela são, respectivamente:

- (8) a. A Antonio José de Babo Broxado mo-|rador na Villa de Ytú, fugio ha quasi um | anno um negro crioulo de idade de 50 an-|nos pouco mais ou menos, alto, magro, | com um dedo do pé cortado, e tem muitos | cabelos brancos (1828)
- b. Fugio no dia 26 do corrente mez a |Demetrio da Costa do Nascimento um |escravo de nome Joaquim, cabinda, ida-|de 38 annos mais ou menos, estatura bai-|xa, gordo, e tem principios dos officios |de pedreiro, e surrador: Quem o appre-|hender e levar a seu senhor no Bexiga |será gratificado (1853)
- c. Fugirão dous escravos pertencentes ao Alferes Antonio Pinto Mascarenhas com os signaes seguintes: (1870)
- d. No dia segunda feira 2 do corrente fugio uma negra que representa ter 25 annos (1835)

A quase complementaridade entre as construções com dativo pleno antes de V fica clara na tabela: somente quando é acelerado o declínio dessa construção é que as construções com *pertencente* ocorrem.

A tabela 2, a seguir, mostra o crescimento das construções com “de” e a queda de aNP. O clítico apresenta o mesmo perfil de aNP.

**Tabela 2** – Distribuição das construções de posse no tempo real

| Tipos de Construção         | 1826-1850 |      | 1851-1875 |      | 1876-1900 |      |
|-----------------------------|-----------|------|-----------|------|-----------|------|
|                             | No.       | %    | No.       | %    | No.       | %    |
| [ aNP]                      | 31        | 69,5 | 13        | 41,1 | 01        | 33,2 |
| [ lhe]                      | 07        | 15,9 | 01        | 3,2  | 00        | 00   |
| [com preposição <b>de</b> ] | 13        | 29,5 | 18        | 59   | 04        | 66,8 |

Um exemplo de cada construção aparece, respectivamente, em (8a), (7) e (6) acima, repetidos com nova numeração.

- (9) a. **A Antonio José de Babo Broxado mo- | rador na Villa de Ytú**, fugio ha quasi um | anno um negro crioulo de idade de 50 an- | nos pouco mais ou menos, alto, magro, | com um dedo do pé cortado, e tem muitos | cabelos brancos (1828)
- b. Ao Tenente Coronel fugiu-**lhe** hum escravo creoulo chamado Silverio (1829)
- c. Fugiu **de Bento Laurindo de Castro, morador no | Asonguy, districto da Capella, curato de Vetuverava**, um | escravo de nome Benedicto, (PR, 1854).

Embora o número de dados analisados seja reduzido, é possível demonstrar quantitativamente os referidos estágios acima. A análise (?) outras duas amostras, um ensaio e cartas, mostrou que a presença **de dativos** não é uma peculiaridade da amostra usada para efeito de quantificação. Entretanto, a análise de um *corpus* mais amplo é, sem dúvida, necessário para um tratamento quantitativo mais detalhado, o que não será apresentado aqui.<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Ver BARROS, Ev'Angela. **Dativos de posse no Português Brasileiro**. Tese (Doutorado) – UFMG, em andamento, em que são analisados verbos ergativos e transitivos, somando um total de aproximadamente 1.300 dados.

## 2 Dativos: um Argumento de V?

Conforme vimos na seção anterior o dativo de posse, introduzido pela preposição “a”, não é licenciado no PB atual. A busca de explicação dessa restrição poderá iluminar as propriedades gramaticais que foram objeto de mudança. Nesta seção serão comparadas diferentes construções em que a presença de NPs plenos levam a contrastes de gramaticalidade no PB atual. O propósito é explicitar se aNP é, ou não, um argumento de V.

Comparem-se as sentenças:

- (10) a. Fugiu-lhe um cão de guarda.  
b. \*Fugiu a ele um cão de guarda.  
c. \*Fugiu ao coronel um cão de guarda.
- (11) \*A quem fugiu um cão de guarda?
- (12) \*Foi ao coronel que fugiu um cão de guarda.
- (13) a. \*Ao coronel fugiu um cão de guarda.  
b. Da fazenda fugiu um cão de guarda.  
c. Ao coronel foi dado um cão de guarda.
- (14) \*Dormiu-lhe um sono.
- (15) \*A ele fugiu-lhe um cão de guarda.

O dativo de posse realizado através de clítico, em (10), é bem formado, mas através de aNP, quer pleno quer pronominal, resulta agramaticalidade em (10b-c). A extração-QU, em (11), é também impossível, o que indica que aNP está numa posição não temática (AUTHIER; REED, 1992). A clivagem é também impossível, mostrando que aNP, em (12), não é argumento de V (AUTHIER; REED, 1992). A incompatibilidade entre dativo e nominativo em (13) constitui mais uma evidência de que o NP dativo não está em posição-A. O contraste entre (10a) e (14) mostra que o dativo é bloqueado quando não há um DP interno a V (AUTHIER; REED, 1992). Se (10b-c) e (13a) eram bem formadas no XIX, então interessa saber que alteração gramatical é responsável pelo seu novo estatuto.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> O parecerista aponta serem bem formadas as sentenças (i) *Dele fugiu um cão de guarda*; e (ii) *De quem fugiu um cão de guarda?* Estas sentenças só são bem formadas se “dele” e “de quem” não foram interpretados como possuidores.



Consideremos inicialmente a impossibilidade de NP pleno em contextos onde clíticos dativos são licenciados. Esse fenômeno, que aparece em (10ab), está também presente em outras línguas, como no francês, italiano e grego, em construções com verbo *parecer*, mas não com dativos com verbos inacusativos.<sup>11</sup>

- (16) ?\* Jean semble ‘a Marie [t avoir du talent] (ex.1b)  
 (17) Jean lui semble [t avoir du talent]  
 (18) ?\* Gianni sembra a Piero [t fare il suo dovere] (ex.2b)  
 (19) Gianni sembra [ t faire ill suo dovere]  
 (20) O Jannis (tis) fenete eksipnos [ João parece-lhe ser inteligente] (Ag.ex.69a)  
       João (NOM) Cl (GEN) parece inteligente  
 (21) \*O Jannis fenete tis Marias eksipnos [João parece à Maria ser inteligente]  
       (=69b)

Os NPs plenos são lícitos em construções mono-oracionais mas ilícitos em construções bi-oracionais. Para dar conta desse contraste, Agnostopoulou (1999, cap. 3) argumenta que sintagmas preposicionais possuem traços que os tornam visíveis à atração por T. Em estruturas mono-oracionais os dois argumentos estão no mesmo domínio mínimo, sendo ambos argumentos de V. Por isso, o sintagma preposicionado não bloqueia o movimento do NP nominativo, apesar de c-comandá-lo. Daí a boa formação das construções com inacusativos.

Já nas construções com [parecer], que são bi-oracionais, o NP-dativo é argumento do verbo matriz enquanto o sujeito tem que alçar a partir da oração encaixada. Por ter que passar sobre o NP-dativo, o NP nominativo, que está fora do domínio mínimo de NP-dativo, viola a condição de *Attract Closest*.<sup>12</sup> Nesta análise, a assimetria

<sup>11</sup> Os casos de inversão locativa exemplificam o movimento de PPs para a posição de sujeito, como em (i) *Down the hill rolled the baby carriage* (LEVIN, 1993, p. 92-94).

<sup>12</sup> (i) Attract/Move  
 K attracts F if F is the closest feature that can enter into a checking relation with a sublabel of K (CHOMSKY, 1995, p. 297)

na distribuição dos PPs em orações mono-oracionais e bi-oracionais resulta da interação entre a representação estrutural do PP e a teoria de Localidade, em termos de domínio mínimo e equidistância, advogados em Chomsky (1995).

Uma vez que os verbos *fugir* e *desaparecer* são verbos inacusativos, a estrutura é mono-oracional. Portanto a expectativa é que não houvesse má formação. Como explicar, então, (10a-b)? Uma hipótese inicial seria supor que no PB, aNP não é capaz de checar EPP (CHOMSKY, 1995), diferentemente do que ocorre nas outras línguas citadas. Veja-se, entretanto, (22).

(22) Ao João chegaram boas notícias.

Uma vez que *chegar*, tal como *fugir*, é também inacusativo e aceita aNP em posição sujeito, podemos descartar uma explicação referente à impossibilidade de PPs checarem EPP de T no português brasileiro.

Reconsideremos duas outras suposições assumidas por Anagnostopoulou (1999), que não parecem adequadas ao PB. A primeira é que aNP seria um argumento de VP. A impossibilidade de extração constitui uma evidência contrária. Ver (21).

(23 (=3a)) \*A quem fugiu um cão de guarda?

Outra suposição, que parece inadequada, é a de que NP dativo e NP nominativo estariam ambos no mesmo domínio, quando V é inacusativo. Uma vez que NP nominativo é um argumento de V e aNP não o é, conforme se evidencia pela má formação de (22), abaixo, então o fato de V ser inacusativo não é condição suficiente para dar conta do contraste entre (10a) e (10bc). De fato, NP e aNP comportam-se como se estivessem em domínios distintos.

---

(ii) Closest

If ( c-commands ( and ( is the target of raising, then ( is the closer to ( than (. (CHOMSKY, 1995, P. 358).

(24 (=4) \*Foi ao João que fugiu um cão de guarda.<sup>13</sup>

Sendo *fugir* um verbo inacusativo, o NP nominativo é gerado à direita de V. Como o NP dativo está em outro domínio, pode-se supor, então, que estaria dentro do DP. Se assim for, as seguintes propriedades são esperadas: (i) o NP dativo não faz parte da grade temática de V, daí a impossibilidade de extração QU-; e (ii) o NP dativo no PB não é um PP, daí a impossibilidade de checar EPP, o que o diferencia dos dativos típicos.

Em resumo, a má formação de (8b-c) não se deve à impossibilidade de aNP checar e EPP no PB, mas ao fato de aNP estar fora do domínio de VP. O comportamento sintático de aNP em relação à extração confirma que aNP faz parte do DP.

### 3Possessivo como Categoria Gerada sob DP

Kayne (1994, p. 102) propõe a seguinte estrutura para dar conta dos possessivos em francês.



(26) la [ D/PP voiture j [de [IP Jean [I( [e] j...

(27) Pière a acheté la voiture de Jean

Kayne argumenta que em (25), a preposição “de” ocupa o núcleo de D, o que lhe permite capturar a semelhança entre DP/CP (SZABOLSCI, 1993), já que “de” também ocorre como complementizador.<sup>14</sup> Sem movimento do NP<sub>possuído</sub> em (25), não haveria c-comando assimétrico entre possuído e possuidor, por isso a

<sup>13</sup> Novamente, aqui, a sentença com interpretação de posse é mal formada.

<sup>14</sup> Kayne busca derivar o verbo “to have” a partir de “to be”, argumentando que o movimento de “Jean” para Spec de IP só é possível porque há incorporação da preposição “de” com o verbo “être” (i.e. avoir = être + de).

(i) Jean a le voiture (ex.83)

BE [D/PP [D/P( de [IP Jean [I( [voiture] j... (ex. 82)

seqüência formada pelo NP<sub>nominativo</sub> e NP<sub>dativo</sub> não se lineariza, sendo excluída pelo Axioma de Correspondência Linear (KAYNE, 1994).<sup>15</sup> Para haver c-comando assimétrico, seria necessário que o NP fosse movido para Spec. Senão há movimento, x e y c-comandam-se mutuamente, tornando impossível a linearização. Algumas conseqüências desta proposta<sup>16</sup> são avaliadas a seguir.

Retomemos os dados do PB. Tal como no francês, podemos supor que o movimento do possuidor para a posição de Spec de PP vai depender de a preposição ter um traço a ser checado pelo DP. A má formação de (26) mostra haver diferença entre a preposição “a” e a preposição “de”: apenas a segunda poderia projetar uma categoria mais alta.

(28) \*O cão de guarda fugiu ao coronel

(29) O cão de guarda fugiu do coronel

Essa diferença entre as preposições constitui um traço do caráter excepcional de “a” no português, já descrito como *realizador de Caso* e não como *atribuidor*.<sup>17</sup> Parece que a preposição “a” não é capaz de licenciar uma posição Spec. Em outras palavras, “de” teria um traço a ser checado pelo DP, mas não “a”.

Tendo em conta o processo de mudança descrito na seção (I), a análise acima tem as seguintes implicações: sendo a ordem [NP a NP] bem formada no século XIX, o estatuto gramatical de [a] teria sofrido alteração: [+P] à [-P]. Se essa dedução for correta, poder-se-á explicar o contraste entre (29) e (28): apenas “de” seria capaz de projetar Spec.

Uma conseqüência seria sentenças com verbos inacusativos, como (22), serem mal formadas<sup>18</sup>. A boa formação de

<sup>15</sup> (i) Axioma de Correspondência Linear

Sendo X, Y não terminais e x, y terminais tal que X domina x e Y domina y, então se X assimetricamente c-comanda Y, x precede y.

<sup>16</sup> Essa proposta foi sustentada por Ramos (1999) em comunicação apresentada no CelSul.

<sup>17</sup> JAEGGLI, 1982, para o espanhol; MATOS e DUARTE, 1984, para o português europeu; RAMOS, 1992, para o português brasileiro, dentre outros.

<sup>18</sup> Estou assumindo aqui a proposta de Nascimento e Kato (1995), segundo a qual o verbo chegar subcategoriza uma oração pequena.

(22) constitui um problema para essa proposta. Outro problema é a ambigüidade do estatuto de aNP em (29). Se “de NP” é dativo, então deveria poder co-ocorrer com PPs locativos. A má formação de (30), abaixo, mostra que essa previsão não se confirma.

- (30) a. O cães de guarda **do coronel** fugiram do canil.  
b. \*O cães de guarda fugiram **do coronel** do canil.<sup>19</sup>

A proposta de Kayne, entretanto, parece adequada para explicar os dados do português europeu. Comparem-se (29ab).

- (31) a. Pedro cortou os cabelos **ao Manoel**.  
b. Pedro cortou os cabelos **do Manoel**

No português brasileiro (31a) é mal formada, mas não no português europeu. O par em (31ab) permite explicitar uma diferença entre os dois dialetos. Além disso, permite apontar uma semelhança entre o português europeu (PE) atual e o português brasileiro (PB) do século XIX.

#### 4 Dativos de Posse no PB e no PE Atuais

Miguel (1995, p. 116-117) trata as construções do tipo [Np aNP] como genitivas, por alternarem-se com a preposição “de” (p. 112). Argumenta que aNP tem o estatuto de NP e não de PP. Em relação a (30), afirma que

- (32) O Carlos conhece os defeitos **ao Manoel**

*sendo o verbo “conhecer” um verbo que não denota evento, possui dois lugares e o aparente objeto indireto aNP é, de fato, um complemento adnominal.*<sup>20</sup> A evidência apresentada é que a inserção de uma oração relativa resulta má formação, pois bloquearia a relação de posse.

<sup>19</sup> Para Berlinck (s/d), o dativo seria um subtipo de locativo. Não vou adotar tal posição aqui.

<sup>20</sup> MIGUEL, Matilde (1995, p. 111-1177).

(33 (=25d))\* O Carlos conhece os defeitos [que detesta]  
ao David.

Outra evidência é que, se cliticizado o núcleo, o complemento adnominal não pode ser realizado (p.129).<sup>21</sup> Ambos podem, entretanto, ser cliticizados juntos (p. 140).

- (34 (=80)a. A Maria teme as conseqüências à guerra  
b. A Maria teme-as  
(35 (= i)) \*A Maria as teme à guerra  
(36 (=110b)) e quem não lhas teme?  
(37 (=70a)) Descobrir o defeito à máquina

Além dos DPs acima, os aNPs se manifestariam em outro tipo de construção, em orações pequenas, predicativas (e não identificacionais (p.133)).<sup>22</sup>

- (38 (=92a.)) Todos acham graça às crianças  
(39 (=93c)) todos lhe acham graça (p. 134)

O sintagma aNP é o sujeito da oração pequena e recebe dativo (as identificacionais recebem acusativo). Quanto à ordem, pode ser [NP aNP] ou [aNP NP], como em (38).

- (40 (=94c)) Todos conhecem à Ana aventuras secretas  
(p. 134)

Um segundo contraste é apontado:

- (41 (=41. a)) Cresceu o cabelo ao Manuel. (p. 116)  
(42 (=41b)) \*O cabelo ao Manuel cresceu muito. (p. 116)

---

<sup>21</sup> A razão sintática é a seguinte: aNP é o ramo direito e o NP [as conseqüências] é o ramo esquerdo. De acordo com Sportiche (1989), não se pode cliticizar o ramo esquerdo.

<sup>22</sup> Se o verbo é estativo, aNP é complemento adnominal; se o verbo é psicológico, aNP complemento adnominal ou oração pequena (MIGUEL, 1995, p. 128).

Como as orações pequenas não formam um domínio funcional completo e dependem, para sua formação de uma predicação principal, não podem ocorrer em posição pré-verbal (p. 137). A cliticização operaria a partir da posição à direita do N do qual aNP seria um “complemento adnominal” (p. 117).

Vários contrastes entre o PB e o PE podem ser evidenciados a partir da análise de Miguel. O primeiro é que o PB não licencia aNP, independentemente da ordem ou posição: todas as sentenças do PE com aNP são consideradas mal formadas pelos falantes brasileiros. As sentenças (43) só são bem formadas se aNP for cliticizado.

- (43) a. Todos lhe acham graça  
a' Todos acham graça à moça  
b. Conheces-lhes os defeitos  
b'. Conheces os defeitos ao Manuel.  
c. Cresceram-lhe os cabelos  
c'. Cresceram os cabelos ao Manuel.

Alguns problemas decorrentes da análise de Miguel podem ser apontados. A autora classifica o sintagma aNP como genitivos por duas razões: A primeira, não explicitada, é a obtenção de um paralelo com o francês, que possui clíticos que realizam casos distintos: *en* (genitivo) e *lui* (dativo).<sup>23</sup> Ora, o português não apresenta tal distinção, pois contém apenas um clítico – *lhe* –, que é dativo. A meu ver, a ausência de uma distinção morfológica entre genitivo e dativo no português constitui razão suficiente para o não uso do termo “genitivo” para se referir aos NPs indicadores de posse, em estudo aqui.

Outra razão apontada por Miguel é o fato de os sintagmas realizados por aNP poderem ser parafraçados por “de NP”, que é a realização prototípica de posse. Um problema é que nem sempre um NP possuidor aceita paráfrase com “de”. Em (44) os brasileiros preferem “em” e não “de”, ainda que a estrutura do clítico seja aceitável.

---

<sup>23</sup> Além disso, no francês o genitivo ora se realiza com *en* ora com *lui*, o que significa que ambos os casos recobrem a gama de construções em análise.

- (44 (=34) a. Todos **lhe** acham graça.  
b. ??Todos acham graça **dela**  
c. Todos acham graça **nela**

O fato de existirem sintagmas “de NP não indicadores de posse também enfraquece esse argumento. Em “eu gosto de Pedro”, o sintagma “deNP”, embora presente, não indica posse.

Outro problema da análise de Miguel é a atribuição de duas funções sintáticas distintas ao sintagma aNP: ora é analisado como complemento adnominal (p. 117), ora como sujeito de uma oração pequena (p. 133).

A hipótese de que aNP constitui uma oração pequena permite dar conta da impossibilidade da ordem [NP aNP] em posição de pré-verbal em (42). É interessante observar que nos dados diacrônicos, tal ordem não ocorre. Outro ponto importante é que, na terceira etapa do processo diacrônico (seção I), o sintagma aNP vai ocorrer em construções do tipo *NP pertencente aNP*, em que é clara a presença de uma oração pequena.

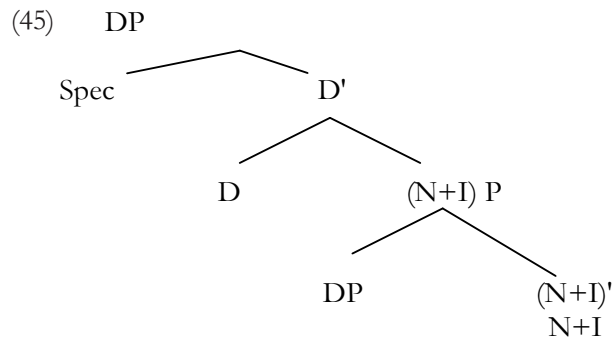
Diante das vantagens de se propor uma oração pequena para dar conta da construção [aNP NP], passemos à proposta de Gavruseva (2000), que dá conta dos fatos acima, sem necessitar de propor uma oração pequena.

## 5 A Estrutura do DP

Na seção precedente vimos que o dativo de posse realizado através de [a NP] pertence a um domínio diferente de VP, mais exatamente, [a NP] faz parte do DP, tendo sido descrito como adjunto adnominal por Miguel (1995, p. 111).

Adotando a hipótese de que há semelhança entre a estrutura de DP e CP, Szabolcsi (1983/1994) propõe a seguinte estrutura para o DP em hebraico.





Szabolcsi sugere que o amálgama N+I, contendo o morfema possessivo, atribui Caso nominativo ao possessor na posição de especificador. O DP possessor é introduzido em Spec (N+I), onde recebe caso nominativo do complexo flexional nominal representado como N+I. Possessores dativos movem-se para especificador de DP, onde recebem caso dativo. A presença de traços- phi em N, no hebraico, justificam a proposta do amálgama N+I.

- (46 (=11b) a. ki-nek a vendég-e- Ø  
 quem-dat o convidado-poss-3pes.sing  
 “convidado de quem?”
- b. \*a ki- Ø vendég-e- Ø  
 quem-nom convidado-poss-3pes.sing

A presença do artigo em (46a) constitui uma evidência de que o DP dativo está em Spec de DP. O possessor nominativo, por sua vez, realiza-se abaixo dessa posição. Assim, a realização do possessivo com caso nominativo ou caso dativo justifica a postulação das duas posições do NP possuidor: Spec de (N+I)P e Spec DP. Além da diferença em relação ao artigo, há também uma diferença em relação à extração: apenas os possuidores dativos podem ser extraídos para além do DP.

(47 (=12a) Péter-nek csak Mari látta [t a kalap-já-t]  
 (GAVRUŠEVA, 2000, p. 750)

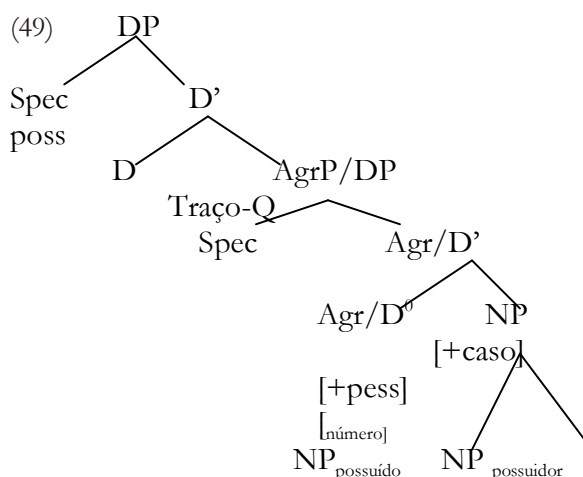
Peter-dat somente Maria viu o chapéu-poss.3ps.acus

(48 (=12b)\* Péter-~~Ø~~ csak Mari látta [t a kalap-já-t]  
 (GAVRUŠEVA, 2000, p. 750)

Peter-nom somente Maria viu o chapéu-poss.3ps.acus

Possuidor dativo pode ser extraído porque tem acesso à posição periférica de especificador de DP, posição essa propriamente regida por V. De acordo com Szabolcsi (1994), o NP nominativo em (48) aloja-se em Spec de (N+I)P. Sendo D inerte, não é capaz de reger o vestígio do possessor e, devido à minimalidade, impede a regência lexical de V. Já o NP dativo, possessor, pode ser extraído porque move-se antes para Spec DP, uma posição periférica do determinante “a(z)”. Esse movimento é facilitado pela necessidade de tornar D numa regência próprio para o vestígio do possessor em Apec (N+I)P.

Essa análise é adaptada no quadro do programa minimalista por Gavruševa (2000), que propõe a seguinte estrutura, em substituição a (43):



O rótulo AGR/D refere-se a um domínio funcional onde caso e traços de concordância são checados. Para checar seus traços-phi, o N possuído move-se para Agr/D. Sendo os traços-phi [-interpretáveis], N move-se para Agr/D na sintaxe explícita. O reflexo morfológico, conforme sugerido Chomsky (1995), confirmaria o movimento nesse nível. Para dar conta do movimento do possuidor para Spec de Agr/D, Gavruševa assume que Agr/D possui um traço-Q, de quantificação,<sup>24</sup> que é [+interpretável], sendo, por isso, checado em Spec de Agr/DP e Spec de DP. Sendo checado, sem apagar-se, o traço-Q explicaria o movimento do possuidor para além do DP. Essa última possibilidade seria vetada em relação ao possuidor marcado com nominativo, em (45).

Tendo em conta a estrutura (49), comparemos o par (44-45) com os dados do português brasileiro.

(44 (=12a) Péter-nek csak Mari látta [t a kalap-já-t]  
(GAVRUŠEVA, 2000, p. 750)

Peter-dat somente Maria viu o chapéu-poss.3ps.acus  
'quanto ao Pedro, só Maria viu o chapéu'

(45 (=12b)\* Péter-~~Ø~~ csak Mari látta [t a kalap-já-t]  
(GAVRUŠEVA, 2000, p. 750)

Peter-nom somente Maria viu o chapéu-poss.3ps.acus

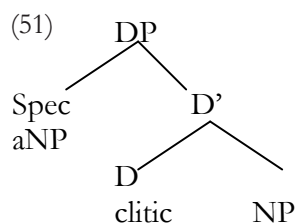
(50) a. \*O PEDRO, só Maria viu o chapéu

b. O PEDRO, só Maria viu-lhe o chapéu

A superioridade de (50b) em relação a (50a) revela semelhança entre o papel sintático desempenhado pelo clítico “lhe” e o papel do artigo “a” no hebraico. Isso remete imediatamente à estrutura proposta por Uriagereka (1988) para DP contendo duplicação de clítico.

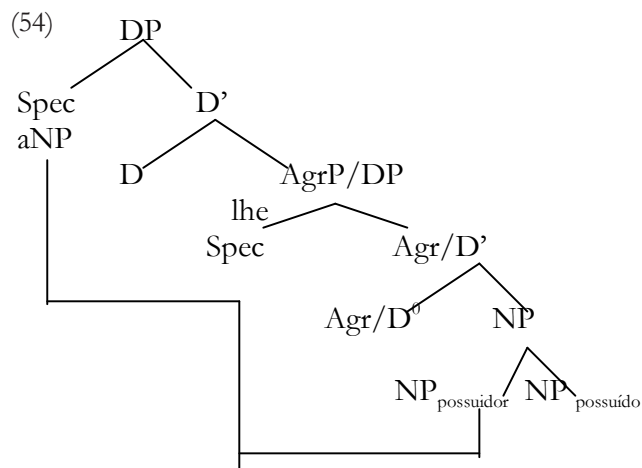
---

<sup>24</sup> Esse traço poderia ser [+humano], pois é esse o traço definidor dos NPs possuidores, introduzidos por “a” em várias línguas.



Diante desse paralelo, poderíamos reinterpretar o contraste entre a boa formação de estruturas com aNP, no XIX, e sua má formação, no momento atual, do seguinte modo: a boa formação deve-se à presença de um DP com Agr/D [+interpretável], que licenciava a checagem do traço do NP possuidor em Spec de AGR/D e posteriormente em Spec de DP e sua fuga para posições mais altas, no caso, Spec de TP. A sentença (2), repetida com nova numeração, teria a estrutura (52).

(52) **Ao Tenente Coronel** fugiu-**lhe** hum escravo creoulo chamado Silvério (1929)



No momento atual, teria havido alteração do valor de Agr/D, impedindo o movimento do NP. Uma consequência imediata é que NPs plenos não poderiam se alojar nesta posição. Daí a impossibilidade de seqüências do tipo [aNP NP], quer em posição pós-verbal no PB atual quer pré-verbal.

Resta então um problema: por que a seqüência [aNP NP] é licenciada no português europeu? Se tiver em conta a produtividade de clíticos nesse dialeto e a impossibilidade da ocorrência de [aNP NP] em posição pré-verbal, pode-se propor que Agr/D em (25) teria mantido o valor [+interpretável], licenciando o movimento do NP possuidor para além do DP. Isso explicaria o contraste entre os dois dialetos em relação a essa sentença.

Outra questão é: por que o PE atual não apresenta construções tais como *Peter's book* no inglês, se Spec de D possui um quantificador capaz de checar o traço [+interpretável] também checável em Agr/D?

Nesse momento é preciso ter em conta o núcleo Agr/D. No hebraico, mas não no alemão, o NP dativo vai até Spec do DP. Como no alemão há construções do tipo *Peter's book*, mais exatamente, *Peters bunde* (apud WEBELHUTH, 1992), a possibilidade de uma gramática licenciar construções do tipo *Peter's book* é algo que se define em Agr/D e não em D<sup>o</sup> mais alto. De acordo com os pressupostos minimalistas, a posição Spec só é projetada se necessário. Essa necessidade decorre da existência de um traço morfológico no NP que ocupará essa posição e de o núcleo da categoria funcional ter a propriedade de checar o referido traço. Se no português não se tem a uma estrutura do tipo *John's book* é porque Agr/D não possui a propriedade relevante. Em outras palavras, a propriedade que permite o NP possuidor escapar do DP é independente da propriedade que licencia construções do tipo *Peter's book*; por isso o português europeu pode permitir que o NP<sub>poss</sub> escape do DP ainda que não licencie tais construções.<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> Kayne (1994, p. 105) descreve o contraste entre *John's car* e *\*Jean voiture*, atribuindo-o à presença de 's em D no inglês e sua contraparte abstrata no francês. Essa diferença seria responsável pelo não licenciamento do possessor lexical no francês, onde Spec não receberia Caso.

## 6 Agr/D e a Estrutura da Seqüência [Possuidor Possuído]

Na seção (IV) consideramos a proposta de Miguel (1995), segundo a estrutura da seqüência [NP<sub>possuidor</sub> NP<sub>possuído</sub>] formava uma oração pequena. Vimos também que ao NP<sub>possuidor</sub> a autora atribuía a função sintática de adjunto nominal, o que parecia bastante problemático. Se, agora, retomamos estas duas análises – o possuidor é sujeito da oração pequena e adjunto adnominal – e atribuímos aos dativos de posse a estrutura (49), o que parecia inconciliável deixa de o ser: o NP possuidor, por fazer parte do DP, pode ser descrito como adjunto adnominal; e por se estabelecer entre o NP possuidor e o NPpossuído uma relação de mútuo c-comando, pode receber a descrição de oração pequena.

Um problema ainda resta: no segundo estágio do processo diacrônico, o NP<sub>possuidor</sub> deixa de ocorrer à esquerda do NP possuído e passa a ocorrer à direita, precedido do adjetivo *pertencente*. A análise inicial (seção I) era que, nestas construções, o NPpossuidor estaria *in situ*. Os enunciados relevantes aparecem abaixo, com nova numeração.

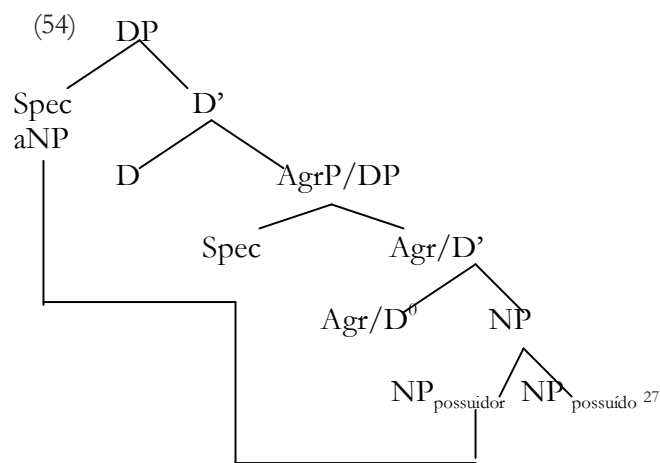
- (53) Fugirão dous escravos **pertencentes ao Alferes Antonio Pinto Mascarenhas** com os signaes seguintes: (1870, p. 112)

Uma evidência a favor da análise inicial é o fato de o NP possuidor ser pesado e *NPs pesados permanecem in situ* (LARSON, 1988). Além disso, conforme assinala Miguel (1995, 129), a extração do NP<sub>possuidor</sub> tem as propriedades de um sintagma localizado à direita do NP<sub>possuído</sub>.<sup>26</sup>

Se olharmos atentamente a estrutura proposta por Szabolcsi/Gavruševa, veremos que a ordem [NP possuído NP possuidor], que aparece em (55) é o inverso da que aparece em (54), petida abaixo.

---

<sup>26</sup> O contraste entre (i) \**A Maria teme-as à guerra* e (ii) *A Maria teme-lhe as conseqüências* mostra que a cliticização do em (i) deu-se a partir de um ramo esquerdo da estrutura (ver SPORTICHE, 1989, para o francês).



Essa inversão na ordem, entretanto, não constitui um problema visto que os dois NPs estão no mesmo domínio e, portanto, eqüidistantes do Spec de Agr/D. Assim, tanto um quanto o outro poderia alçar a Spec sem restrições. Veja que a possibilidade de ordem [NPpossuído NPpossuidor] como a ordem inversa são bem formadas no português europeu (MIGUEL, 1995, p. 134). Portanto, a estrutura (54) mostra-se também adequada para dar conta da relação predicativa existente entre os dois NPs.

Na seção VI, mostrou-se a necessidade de movimento de um dos NPs da oração pequena para efeito de linearização. A proposta de movimento para Spec dentro do DP constitui mais uma evidência a favor de (54).

### Conclusões

O processo de perda de dativos de posse realizados por NPs introduzidos por preposição ‘a’ no português brasileiro pode

<sup>27</sup> É provável que a relação estabelecida entre os dois NPs se faça por intermédio de um marcador abstrato de posse, que pode se realizar através da preposição “de” numa estrutura do tipo (23), proposta por Kayne (1994) ou pode não se realizar lexicalmente, resultando construções com dativo de posse. Sobre marcador abstrato de posse, ver Uriagereka (1996).

ser descrito como uma mudança completada. A relação estrutural entre aNP e o clítico é de Spec e núcleo. O clítico, nas construções analisadas, desempenha um papel semelhante ao do artigo no hebraico, na medida em que permite recuperar, através de traços de concordância, a relação entre o NP possuidor em posição de tópico e o NP<sub>possuído</sub>. O clítico estaria alocado em D, acima de Agr/ DP.

Já Agr/D, por sua vez, é um núcleo incapaz de realização morfológica, tal como Agr/D no inglês, essa categoria não licencia um NP pleno nessa posição. Daí a ausência do construtor do tipo *John's book* no português. Nos termos de Kayne (1994) Spec de Agr/D não recebe Caso.<sup>28</sup> Em outras palavras, Agr/D não é capaz de checar Caso, por essa razão Spec de Agr/D não é projetado. Uma consequência é o impedimento do movimento de NP<sub>possuidor</sub> na sintaxe visível, para essa posição. Outra consequência é que apenas movimento de núcleos são licenciados, daí a realização de dativos de posse apenas através de “*lhe*” no português brasileiro atual. Já no português europeu o NP<sub>possuidor</sub> pode ser movido, já que aparece em outras posições. Agr/D, embora sem atribuir Caso, é capaz de checar outros traços, permitindo a projeção de Spec de Agr/D. Tal traço seria [+interpretável], podendo o NP ir adiante e receber Caso noutras posições. No PB Agr/D é [-interpretável], fazendo com que o NP fique congelado nessa posição. Como NPs sem Caso não são visíveis na PF, os falantes do PB atribuem a aNPs possessivos o estatuto de sentenças mal formadas.

## Bibliografia

ANAGNOSTOPOULOU, Elena. **On double alternations and clitics**. University of Maryland, 1999. (ms).

AUTHIER, J. M.; REED, Lisa. On the syntactic status of French affected datives. *Linguistic Review*, n. 9, p. 295-311, 1992.

---

<sup>28</sup> *Ou talvez*, continua Kayne, *'s precise alçar em LF para D<sup>o</sup> ocupada por "of" (ou ser adjungido a D<sup>o</sup>) e que um artigo definido não admita um irmão cujo núcleo é 's*. (1994, p. 105)



BARROS, Ev'Angela. **Expressão clítica de posse no Português Brasileiro**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Em andamento.

BERLINCK, Rosane. Dativo ou locativo? Sobre sentidos e formas do “dativo” no Português. Araraquara, s/d. (ms).

\_\_\_\_\_. Sobre a realização do objeto indireto no Português do Brasil. Comunicação apresentada no II CelSul, Florianópolis, 1997.

CHOMSKY, N. **The minimalist program**. Cambridge/Mass.: The Mit Press, 1995.

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. A perda do marcador dativo no PB e algumas de suas conseqüências. (ms)

GOMES, Christina A. **Aquisição e perda de preposição no Português do Brasil**. 1996. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

GRAVUŠEVA, Elena. On the syntax of possessor extraction. **Lingua**, n. 110, p. 743-772, 2000.

GUEDES, M.; BERLINCK, R. (Orgs.) **E os preços eram cômodos**. Anúncios de jornais brasileiros - século do XIX. São Paulo: Humanitas, 2000.

JAEGGLI, O. **Topics in romance syntax**. Dordrecht: Foris, 1982.

KAYNE, R. **The antisymmetry of syntax**. Cambridge/Mass.: The Mit Press, 1994.

LARSON, R. K. On the double object construction. **Linguistic Inquiry**, v. 19, n. 3, p. 335-91, 1988.

LEVIN, B. **English verb classes and alternations**. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

MATOS, Gabriela; DUARTE, Inês. Clíticos e sujeito nulo em português: para uma teoria de pro. **Boletim de Filologia**, tomo XXIX, 1984.

MIGUEL, Matilde. A preposição a e os complementos genitivos. In: GONÇALVES, A. et al. **Quatro estudos em sintaxe do Português**. Lisboa: Colibri, 1995.

PONTES, Eunice. **Espaço e tempo na língua portuguesa**. Campinas: Ática, 1992.

RAMOS, Jania. **Marcação de caso e mudança sintática no Português Brasileiro**. 1992. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas.

\_\_\_\_\_. **Dativos de posse**: o percurso diacrônico de perda de [aNP] pleno. Comunicação apresentada no CelSul. Curitiba, 2000.

SPORTICHE, Dominique. Le mouvement syntaxique: contraintes et paramètres. **Langages** 95, 1989.

SZABOLSCI, A. The noun phrase. In: KIEFER, F; KISS, K. (Eds.) **Syntax and semantics**, v. 27, The syntax of hungarian. New york: Academic Press, p. 179-274, 1994.

\_\_\_\_\_. The possessor run away from home. **Linguistic Review**, n. 3, p. 89-102, 1983.

TORRES DE MORAIS, M.A.C. R. Rastreando aspectos gramaticais e sócio-históricos do Português Brasileiro em anúncios de jornais do século XIX. In: ALKMIM, T.M. (Org.) **Para a História do Português Brasileiro**. v. III. São Paulo: Humanitas, 2002.

URIAGEREKA, J. **On government**. 1988. Dissertation (PhD) - University of Connecticut, Connecticut.

\_\_\_\_\_. From being to having: questions about ontology from a Kayne/Szabolcsi syntax. **Working papers in Linguistics**, University of Maryland, n. 4, p. 152-172, 1996.